

Da Montanha, em 2 de outubro de 2014.

Bom dia, minhas sementes!

Estamos numa quinta-feira. Que dia mais maravilhoso! Com seus raios de luz e, principalmente, com esse calorzinho tão agradável que faz aqui na montanha e que nos acaricia, que nos dá vida e nos lembra o compartilhar.

Houve um ano em que ocorreram umas geadas muito fortes no planeta. Fazia tanto frio que os animais iam morrendo pouco a pouco. Não conseguiam resistir. Como sempre, em todas as espécies de nosso planeta, há um ser que pensa, que têm ideias, que toma decisões ou lança um projeto; e esse ser disse: “Prestem atenção, se nos colocarmos todos juntos, bem apertadinhos uns contra os outros, o calor de nosso corpo será suficiente para sobrevivermos e, assim, aguentaremos as geadas e nos manteremos vivos.”

Os animaisinhos se entreolharam e olharam ao seu redor. A situação era deplorável, pois o frio ficava cada vez mais cruel, e eles viam que muitos de seus irmãos já estavam congelados. Por isso, concordaram e foram se reunindo e formando uma bola. Era uma bola lindíssima com todos juntinhos. Quando se aproximaram bem, o calor começou a surgir e era como tivessem um aquecedor, um tipo de calefação, um sol, que poderíamos chamar de Fonte de Energia maravilhosa. Ficaram tão felizes que disseram: “Conseguiremos resistir e sobreviver a essas temperaturas!” Mas esqueci de um detalhe, minhas queridas sementes: entre os animaisinhos estavam os porcos-espinhos, os ouriços. Eles têm espinhos pelo corpo, que são umas agulhinhas e que – Meu Deus! – posso dizer que são defesas muito fortes, podem se cravar na pele de um javali ou de um elefante, e não se consegue retirar. Imaginem a situação quando eles estavam no meio da bola, se encostando nos outros animais. “Ai! Ai! Ai!” Os outros diziam: “Isso é insuportável. Não podemos aguentar. Não os queremos aqui.” Mas não podiam expulsá-los porque, na realidade, eram eles que mais produziam energia devido a sua dura carapaça externa, que fazia com que, do lado de dentro, fossem verdadeiras pilhas. Eles me picam. Eles me picaram e eu não



*chego perto deles. Agora chego porque o frio vai ficando cada vez mais, muuuuito mais forte. Por isso, por unanimidade, decidiram aguentar algumas espetadas, aguentar a dor, aguentar os incômodos, aguentar as dores, aguentar as reclamações, aguentar as posições incômodas; resumindo: **aguentar, suportar e tolerar**. E foi assim que se passaram alguns meses, um ano, dois anos e, de repente, o Sol apareceu tão forte, tão forte que derreteu todo o gelo. Começaram a brotar o capim, os pastos, as flores; as árvores se despojaram de tanta neve, de tanta água. Vieram os frutos e começou novamente o paraíso para eles. Voltaram a se olhar, estavam tão juntos uns aos outros – como já lhes disse: como uma bola – que não se atreviam a se soltar, a se separar. Mas foram fazendo isso pouco a pouco e cada um escolheu seu lugar, cada um seu território. Todos vivos, felizes e com uma lembrança maravilhosa: unidos eles tinham conseguido vencer. Evidentemente, quando olharam para as costas, para as mãosinhas ou patinhas, viram que alguns tinham uns arranhões e outros alguns cravinhos até espinhinhos, mas o que eram aquelas pequenas coisas se tinham sobrevivido e poderiam continuar a dar a vida, a brincar, a ir ao cinema, a comprar pipocas, perfumes, sapatos e a dançar.*

*Minhas queridas sementes, por que não seguimos o exemplo desses maravilhosos irmãos que são os animais, as árvores, os minerais, já que todos vivemos na mesma Terra, que é nossa Mãe? Por que não pensamos nisso quando ficamos cansados de ouvir sempre a mesma coisa? Os filhos sempre dizem: “Ai, mãe, lá vem você com a mesma ladainha. Fica repetindo e me fala do passado, tudo isso é passado, e sempre fica repetindo a mesma coisa! Vovozinho, vovozinha, por que não muda de canal? É sempre a mesma coisa: o meu chefe, a minha chefe, o governo, o time de futebol do meu país que não ganhou a copa do mundo. **Pensamos tanto nessas coisas que talvez nunca alcancemos aquilo pelo que podemos ajudar e tornar felizes outras pessoas.** É evidente que, diante dessas palavras, vocês vão dizer: “Jardinera, é sempre a mesma coisa.” Cuidado! Foram os animaisinhos que me contaram. E um porco-espinho não é doce nem suave quando acariciado. Mas vocês acham que a sociedade é? Mas nós conseguimos vencê-la, mas temos que desenvolver ainda mais a tolerância, a compreensão e dizer muitas vezes e com mais frequência: “Um beijo, un beso, un bisou, kiss me!” - como quiserem - mas mandem beijos, abracem e digam: Eu adoro você! Não custa nada e vale muito a pena dar alegria aos outros.*

Ontem uma amiga veio me visitar. Chegou quase à meia-noite. E a primeira coisa que disse foi: “Ai, meu Deus, você já jantou?” Eu me levantei e preparei

*para ela um prato único – isso mesmo: único – melão com presunto, uma torrada com queijo de cabra, mel, nozes da Casa Templária, gergelim, um tomate e, principalmente, um bom pedaço de presunto e de queijo. E pronto: um prato único. E um copinho de vinho branco. Vi em seus olhos uma alegria e um agradecimento infinitos. Convidei-a para dormir em minha casa e, timidamente, emprestei-lhe um pijama, que não era novo. Ela acariciou meu rosto e disse: “Que gesto mais doce, mas eu trouxe o meu!” Isso me atingiu o coração. Que tal se, naquele momento, eu tivesse lançado aquelas agulhinhas de porco-espinho? Isso não quer dizer que na vida não tenhamos às vezes que fazer isso. Sim, mas para nos protegermos. Mas sempre pensemos em duas coisas: **Amor e Proteção**.*

Minhas sementes, que eu tanto amo e adoro, que desejo tanto que realizem as metas que escolheram para si: muitos raios de sol para vocês no dia de hoje - que é Júpiter – e sob esses raios, peçam o que quiserem e tudo se realizará.

Com todo o meu amor!
La Jardinera

